



Pandemia, ciências e povos indígenas no Amazonas

Clayton de Souza Rodrigues

*Antropólogo, doutorando no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social –
Universidade Federal do Amazonas – UFAM*

As áreas do conhecimento precisam conversar: a pandemia não é apenas uma questão do campo da saúde, da medicina, do sanitarismo, da estatística aplicada. Sabemos que a pandemia tem seu cerne na vida, na biologia, mas afeta seres complexos. O comportamento humano é fundamental para o alastramento ou não do vírus. Questões como mentalidades, religiosidades, crenças, percepções, também influenciam direta e indiretamente no avanço ou não do vírus, questões pouco ou não discutidas com a seriedade necessária.

No Amazonas dispara o número de indígenas infectados e vitimados pela COVID-19. Inclusive com incidência maior em determinados povos e paulatinamente vai alcançando outros territórios indígenas mais distantes. Como nossos indígenas receberam a ideia do vírus, como o perceberam? Eles conseguiram comunicar-se? Eles conseguiram entender a importância do isolamento social? Como lidar com essas questões? O que pesa em seus pensamentos e em suas percepções sobre algo como esse vírus? Até onde o pensamento religioso influencia em determinadas ações? E como enfrentam a doença ou a iminência dela? Vivo isso na pele, desde quando começaram as primeiras mortes, tanto com os parentes em Manaus, quanto em bases mais distantes da capital.

Assim como os estudos das ciências biológicas e médicas precisam de tempo, esforço e comprovações, nós cientistas sociais e das humanidades também precisamos de tempo, mas acima de tudo de espaço. Espaço este que está sendo construído com várias iniciativas e em diferentes frentes. Estamos escrevendo sobre morte, mas já escrevíamos, só que agora, tratamos de um novo processo de adoecer, de ser cuidado e de morrer, um processo mais doloroso e reflexivo, pois morrer torna-se também um direito. Morrer e permanecer indígena, morrer e poder ser homenageado pelos seus entes, e principalmente, morrer e poder ser enterrado com dignidade, e dignidade é a principal luta dos povos indígenas desde 1500. O vírus trouxe essa reflexão: quem tem



essa dignidade ao morrer em tempos de pandemia? As valas coletivas que presenciaram estes enterros, todos o que nos dizem?